

LUGAR DE NEGRO

Lélia Gonzalez
Carlos Hasenbalg

COLEÇÃO 2 PONTOS

Num país
onde o preconceito racial ativo dos brancos dominantes
se disfarça detrás do mito da democracia racial,

LUGAR DE NEGRO

põe, efetivamente, muitas coisas no lugar.
Lélia Gonzalez — militante do Movimento Negro —
mostra os avanços da consciência negra entre os negros
brasileiros, e Carlos Hasenbalg — sociólogo e pesquisador
do problema do negro no Brasil —
desmonta as utilizações “boazinhas” dos negros
pelo mundo dos brancos.

LUGAR DE NEGRO

traça um panorama sucinto
de um dos problemas sociais mais candentes de nosso país,
onde o problema étnico está, desde o começo,
ligado à questão das classes e do destino político
de nossa nação.

Um lançamento da



EDITORIA MARCO ZERO LTDA.

2 PONTOS

3

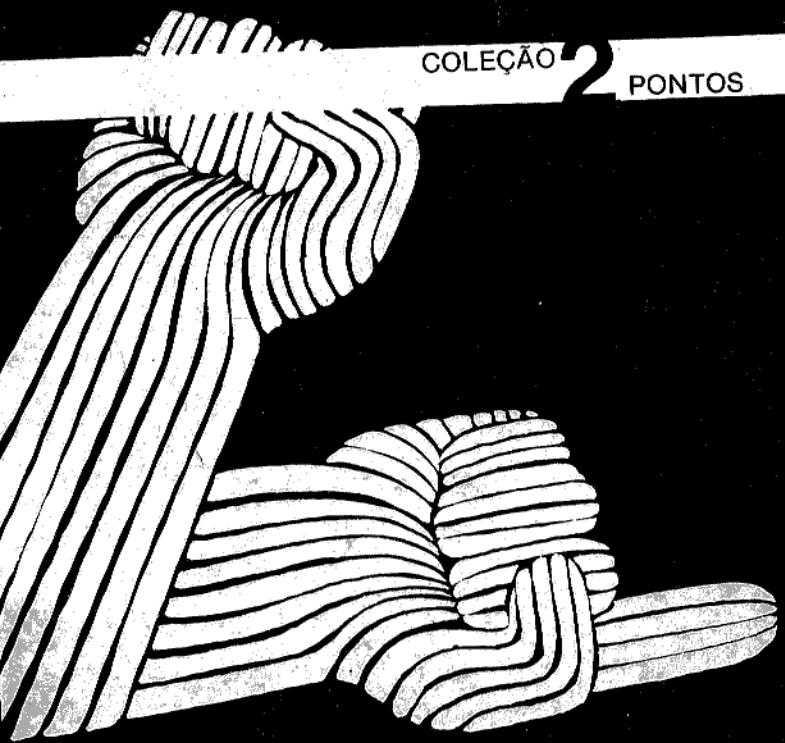
COLEÇÃO 2 PONTOS

LUGAR DE NEGRO

O

O

EDITORIA MARCO ZERO LTDA.



Exemplar nº

1906

Lélia Gonzalez

Carlos Hasenbalg

Lugar de negro

Copyright by Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg — Direitos
adquiridos pela Editora Marco Zero Limitada, Travessa da
Paz, 15 — 20250 — Rio Comprido — Telefone: 273-2337
— Rio de Janeiro — RJ

Editora Marco Zero Limitada
Rio de Janeiro
1982

COLEÇÃO
2
PONTOS

Volume 3

Diretores:

Maria José Silveira
Tania Maria Mendes
Daniel Aarão Reis Filho
Felipe José Lindoso

Projeto Gráfico:
Denise Pimentel

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G652e Gonzales, Lélia.
Lugar de negro / Lélia Gonzales e
Carlos Hasenbalg. — Rio de Janeiro :
Marco Zero, 1982.
(Coleção 2 Pontos ; v.3)

1. Negros no Brasil 2. Negros no
Brasil — Segregação 3. Problemas ra-
cias I. Hasenbalg, Carlos II. Título
III. Série

CDD — 301.45196081
CDU — 323.118(81=96)

82-0008

Índice

— Sobre os Autores	7
— O Movimento Negro na Última Década	9
Lélia Gonzalez	
O golpe de 64, o novo modelo econômico	11
e a população negra	11
Movimento ou movimentos negros?	18
Experiências e tentativas	21
A retomada político-ideológica	30
O Movimento Negro Unificado contra a	
Discriminação Racial	43
— Raça, Classe e Mobilidade	67
Carlos Alfredo Hasenbalg	
O Estudo das relações raciais nos Estados	
Unidos	71
Relações entre negros e brancos no Brasil	84
Racismo e desigualdades raciais no Brasil	89
Conclusão	98
Notas	100
— O Negro na Publicidade	103
Carlos Alfredo Hasenbalg	
Notas	114

A retomada político-ideológica

Dissemos que as elites intelectuais negras foram desarticuladas pelo golpe de 64. De fato. O auto-exílio de Abdiás do Nascimento, enquanto figura das mais representativas, senão a mais, de todo um trabalho desenvolvido na fase anterior, confirma o que dissemos. Sem nunca abandonar sua militância, ele iria enriquecê-la no exterior, continuando sua denúncia do racismo brasileiro (nesse sentido, vale não esquecer que suas acaloradas discussões com exilados brasileiros muito contribuíram para que estes, além de outras experiências vividas lá fora, retornassem ao Brasil com um novo entendimento da questão negra). Enquanto isso, por aqui, a represão desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de semiclandestinidade isolada das organizações propriamente clandestinas (sabemos hoje que foi pequeno o número de negros participantes dessas organizações; principalmente no que se refere aos que militavam no Movimento Negro). A turma só se encontrava socialmente para biritar e falar de generalidades. Mas a negadinha jovem começou a atentar para certos acontecimentos de caráter internacional: a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e as guerras de libertação dos povos negroafricanos de língua portuguesa. Vejamos o que nos diz um dos nossos irmãos, companheiro de luta:

(...) eu lia no jornal (sobre as guerras) de libertação dos países africanos, e muita coisa que acompanhei também do movimento dos negros nos Estados Unidos. Uma coisa que me chamou muito a atenção, no início dos anos setenta, fim de 68, foi o livro do Cleaver, *Alma no Exílio*. A primeira vez que ouvi falar desse livro foi em 68; eu o li naquela época e andava sempre com esse livro; e esse livro, pra mim, era o meu cartão de visitas nos lugares em que chegava. Então, eu uma vez, eu me surpreendi que eu começava a falar nisso com alguns negros, algumas pessoas que... elas não tinham as mínimas preocupações. Então a minha experiência pessoal começa por aí, quer dizer, a partir daí, pelo meu próprio interesse eu começava a ir em alguns lugares, conhecia dois ou três, a gente acabou se juntando e num certo momento, uma certa comunidade de pessoas que estavam interessadas na questão racial do negro (...) Aí, me surpreendi porque fui conhecendo pessoas que eu nunca imaginava que o cara tivesse aquilo na cabeça, mas ele também não tinha com quem falar; então, era incrível quando a gente se encontrava.

E é no início dos anos setenta que vamos ter a retomada do teatro negro pela turma do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), em São Paulo, o alerta geral do Grupo Palmares, do Rio Grande do Sul, para o deslocamento das comemorações do treze de maio para o vinte de novembro, etc. No Rio de Janeiro, enquanto isso, ocorria um fenômeno novo, efetuado pela massa de negros anônimos. Era a comunidade negra jovem, dando sua resposta aos mecanismos de exclusão que o sistema lhe impunha. Estamos falando do movimento "soul", depois ba-

tizado de Black Rio. Vejamos o depoimento de alguém que dele participou:

(...) Embora já chegassem alguma coisa no Brasil, através dos meios de comunicação de massa, só foi entendido como coisa negra, a partir de 71, por aí. Nessa época, eu andava muito pelo subúrbio e já havia esse tipo de baile. Ainda não era exatamente como ele apareceu para o grande público, mas já era o embrião. Eram bailes que tocavam muito James Brown, por exemplo. Um negócio que o pessoal "curtia" muito e tinha mais ou menos a mesma estrutura. Parece que surgiu a partir dos discotecários "Big Boy" e Ademir que promoviam, nos subúrbios, bailes e concursos de dança. E o pessoal conseguia dançar bem. Isto, aliás, é um dado importante: quem dança bem o "soul", dança bem o samba (...). De repente, o pessoal percebeu: "Bom, se o 'Big Boy' pode fazer a equipe dele, eu também posso me especializar nisso, ganhar dinheiro etc.". Começam, então, a surgir equipes de negros. (...) realmente há um dado de alienação, há esse aspecto de fantasia, que faz parte da coisa toda. Mas, ao mesmo tempo em que existe esse dado, existe também um fator importante, que é o da aglutinação. (...) No momento em que se pode perceber "já que eu posso me unir para fazer isso, eu posso me unir para fazer uma coisa mais positiva", isso se torna importante. É claro que nem todo mundo faz essa passagem (Carlos Alberto Medeiros, em entrevista dada a *Artefato*, Jornal de Cultura, p. 12-14, Ano II, n.º 10, s.d.).

Interessante notar que o "soul" foi um dos berços do movimento negro do Rio, uma vez que a moçada que ia aos bailes não era apenas constituída de trabalhadores, mas de estudantes secundários

e universitários também. O fato é que a negrada jovem da Zona Norte e da Zona Sul começou a se cruzar nesses bailes, que reuniam milhares de pessoas, todas negras. O fenômeno também se estenderia para São Paulo; e se a gente pega um dos números do Jornegro (Ano I, n.º 2, maio de 1978) e lê a entrevista da negadinha (18 a 20 anos), a gente vê uma coisa, e isto é essencial, ela não é alienada: todos afirmam, porque o vivenciam no seu cotidiano, a existência do racismo e suas práticas. Vale notar que a reação do "grande público", em face do soul, foi de surpresa e temor (mas a polícia sempre esteve lá para garantir a "ordem"); enquanto isso, a intelectualidade progressista acusava-o de alienação, dizendo que crioulo tinha mais é que dançar samba...

Ainda segundo Carlos Alberto, o Renascença Clube inaugurou seus bailes-soul com as famosas Noites do Shaft, ponto de encontro da turma que articulou o movimento negro no Rio. Nesse mesmo ano (1974), o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB, de Salvador), com a colaboração do Museu de Arte Moderna, realizaram as Semanas Afro-Brasileiras, no período que se estendeu de 30 de maio a 23 de junho, com exposição de arte afro-brasileira, experiências de danças rituais Nagô, de música sacra, popular e erudita afro-brasileira. Tudo isso acompanhado de seminários e palestras, com a presença de 6 mil pessoas, vindas de diferentes bairros e camadas sociais do Rio (Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos, Ano I, n.º 1, jan/abr. de 1978). A exposição de arte sacra (objetos

litúrgicos segundo modelos tradicionais Nagô-Yoruba), recriação de símbolos e arte popular, foi organizada por Juana Elbein dos Santos e Mestre Didi (o Assogba Maximiliano M. dos Santos, do Axé Opô Afonjá, de Salvador). Antes de chegar ao Brasil, ela fora apresentada em Lagos, Acra e Dacar na África, assim como em Paris, Londres e Buenos Aires. As Semanas foram decisivas para o movimento negro carioca.

Vale aqui um pequeno comentário. Interessante que o MN do Rio teve duas fontes de origem: de um lado, a comunidade negra, "dando ciência" de como recebeu os efeitos do movimento negro norte-americano; do outro, uma iniciativa oficial, acadêmica, transada não em termos de "Oropa, França e Bahia", mas, ao contrário, via "Bahia, África e Oropa" e com muito axé em cima. Pois é...

A partir das Semanas, a "tiurma" entrou em contato com o Afro-Asiático, e passou a se reunir em suas dependências. Durante o decorrer da semana, encontravam-se duas vezes para preparar dois tipos de texto: um, com o noticiário a respeito de atos de discriminação e, outro, relativo ao período pré-colonial na África. Aos sábados, reunião geral para discutir os textos, na base da dinâmica de grupo. No domingo, tava todo mundo na Noite do Shaft no Renascença. A cada reunião o grupo crescia.

Chegou a um ponto que as mulheres passaram a se reunir separadamente para, depois, todos se reunirem numa sala maior, onde se discutia os problemas comuns. É claro que pintou machismo e paternalismo, mas também solidariedade e entendimen-

to. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amadas e coisas que tais (baixaria mesmo). Desnecessário dizer que suas esposas ou companheiras nunca participaram de tais reuniões, na medida em que ficavam em casa cuidando das crianças, da casa etc., o que é sintomático. De um modo geral, esses machões eram de uma geração mais velha, porque os mais jovens cresceram junto com suas irmãs de luta. Aliás, vale notar que não existe coisa mais homossexual, e no pior sentido, porque não conscientizado e assumido, do que o ressentimento sectário dos machistas. De qualquer modo, o avanço das mulheres negras, dentro do movimento negro carioca, marcaria sua diferença com relação a outras regiões (onde, hoje, o quadro é diferente, apesar dos pesares). No ano seguinte (2 de julho de 1975), num encontro de mulheres realizado na Associação Brasileira de Imprensa, lá estavam aquelas jovens e valentes negras, marcando sua posição num importante documento, onde diziam:

O destino da mulher negra no continente americano, assim como de todas as suas irmãs da mesma raça, tem sido, desde a sua chegada, ser uma coisa, um objeto de produção ou de reprodução sexual. Assim, a mulher negra brasileira recebeu uma herança cruel: ser não apenas o objeto de produção (assim como o homem negro também o era), mas, mais ainda, ser um objeto de prazer para os colonizadores. O fruto dessa covarde propriedade é o que agora é aclamado

como o único produto nacional que não pode ser exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste "produto" é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso.

Foi a partir da convivência com essas irmãs, já no Movimento Negro Unificado, que passei a me preocupar e trabalhar sobre a nossa própria especificidade. E nesse trabalho, tem dado pra sacar, por exemplo, que pelo fato de não ser educada para se casar com um "príncipe encantado", mas para o trabalho (por razões históricas e sócio-econômicas concretas), a mulher negra não faz o gênero da submissa. Sua prática cotidiana faz dela alguém que tem consciência de que lhe cabe batalhar pelo "leite das crianças" (como ouvimos de uma "mulata do sargenteli"), sem contar muito com o companheiro (desemprego, violência policial e outros efeitos do racismo e também do sexism). De fato, as últimas pesquisas efetuadas demonstram que, em matéria de mulher chefe de família, a mulher negra tá pra conferir. (É por ai também que dá pra sacar uma das razões pelas quais os negros que "subiram na vida" preferem se casar com mulheres brancas; são mais submissas, também por razões historicamente analisáveis. Mas isso é papo pra outros escritos.) Se a gente junta a essa prática uma consciência política, dá pra entender porque não só nossos irmãos, mas determinados setores do movimento de mulheres tenham ficado chocados com a nossa autonomia e agressividade de mulheres negras. Aliás, é importante ressaltar que agressividade significa "chamar a

si", ou seja, "chamar às falas". Pois é... Mas, voltamos às reuniões do Afro-Asiático.

Dizíamos que o grupo crescia. Sobretudo no aprofundamento do nível político das discussões. Nesse momento, setembro de 74, o grupo transformou-se em entidade, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-Africa. Meses depois, surgiu um racha em função de divergências quanto ao método e ao onde desenvolver um trabalho concreto. O grupo dissidente, que saiu, preferia desenvolver um trabalho na Zona Sul, enquanto o pessoal da SINBA defendia a tese de que se deveria partir pra Zona Norte. Vejamos o que nos diz Paulo Roberto a esse respeito:

(...) e esse pessoal que ficou pro lado da Zona Sul acabou se encontrando com outro grupo, meio elitimizado de Zona Sul que eram os famosos atores da TV Globo; não eram todos atores mas havia um grande número de atores que se reunia — negros, todos negros — que se reunia na Zona Sul (acrescentando que alguns elementos eram profissionais liberais, também da Zona Sul), no apartamento de algumas pessoas. E nós acabamos encontrando esse grupo no Teatro Opinião. Exatamente por causa de um problema que tinha pintado na Rede Globo, por ocasião daquela novela — Gabriela, cravo e canela — onde a Vera Manhães, mulher do Antônio Pitanga (...) que seria escolhida para o papel, foi preferida em função da Sônia Braga. Então, o pessoal ficou p. da vida e (...) o grupo todo se encontrou e houve uma série de reuniões lá no Teatro Opinião. E acabou surgindo daí o IPCN, Instituto de Pesquisa das Culturas Negras que, eu particularmente acho, foi um eufemismo que encontramos (...) para criar uma entidade que procurasse não só trabalhar a nível cultural, mas que pudesse ser uma entidade de mobilização política do negro.

Mas acabou tendo, no seu inicio, não uma ação política, mas um trabalho principalmente culturalista. Acho que um grupo que tinha poder econômico dentro da entidade e que, de certa maneira, era maioria na diretoria; esse grupo, consequentemente, poderia dirigir objetivamente a entidade porque, como todos sabemos, algumas providências a nível organizacional dependem da estrutura financeira pra poder funcionar. Então esse grupo, pelo simples fato de ter dinheiro, de poder manipular seus talões de cheques, impôs algumas tarefas de caráter extremamente culturalista, que nos atrapalharam pra cacete no Rio de Janeiro. E essas tarefas foram o quê? Por exemplo, promover shows, showzinho do artista Fulano de Tal aqui, teatrinho ali; sabe, esse tipo de coisa foi muito negativo pra entidade. Num certo aspecto, a gente teve um desgaste político; não um desgaste a nível da comunidade porque, até pelo contrário, a gente andou muito pela Zona Norte naquela época. Me lembro que nós fomos a vários bairros, a aqueles conjuntos habitacionais; e a partir da nossa presença nesses lugares, muitos grupos foram criados na periferia. E esses grupos, na sua grande maioria, tornaram-se grupos de teatro ou de dança. Mas houve um desgaste político muito grande nessa época, por conta desse grupo que o *segurou* ideologicamente por muitos anos.

De qualquer modo, o trabalho desenvolvido pelos elementos mais coerentes do IPCN em seus "circuitos itinerantes", resultaria, em 1976, na criação de uma outra entidade: o Centro de Estudos Brasil-Africa, localizado em São Gonçalo. Ainda em 1975 (novembro), a questão negra passava a ser formalmente discutida na universidade: o Grupo de Trabalho André Rebouças realizava sua primeira

Semana de Estudos sobre o O Negro na Formação Social Brasileira, na Universidade Federal Fluminense, reunindo professores e pesquisadores nas mais diferentes áreas, especialistas na questão negra. A 8 de dezembro desse mesmo ano, um grupo de compositores, sambistas, pessoas ligadas ao samba e sob a liderança de Antônio Candéia Filho, fundavam o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. Oito de dezembro, dia de Oxum, a deusa das águas doces... Reproduzamos aqui, as diretrizes básicas dessa agremiação que não se pretende apenas uma escola de samba, mas um centro de cultura negra:

Estou chegando...

Venho com fé. Respeito mitos e tradições. Trago um canto negro. Busco a liberdade. Não admito moldes. As forças contrárias são muitas. Não faz mal...

Meus pés estão no chão. Tenho certeza da vitória. Minhas portas estão abertas. Entre com cuidado. Aqui todos podem colaborar. Ninguém pode imperar. Teorias, deixo de lado. Dou vazão à riqueza de um mundo ideal. A sabedoria é meu sustentáculo. O amor é meu princípio. A imaginação é minha bandeira.

Não sou radical. Pretendo, apenas, salvaguardar o que resta de uma cultura. Gritarei bem alto, explicando um sistema que cala vozes importantes e permite que outras, totalmente alheias, falem quando bem entendam. Sou franco-atirador. Não almejo títulos. Não almejo glórias. Faço questão de não virar academia. Tampouco palácio. Não atribua a meu nome o desgastado sufixo "ão". Nada de forjadas e mal feitas especulações literárias. Deixo os complexos temas à observação dos verdadeiros intelectuais. Eu

sou povo. Basta de complicações. Extraio o belo das coisas simples que me seduzem.

Quero sair pelas ruas dos subúrbios com minhas baianas rendadas, sambando sem parar. Com minha comissão de frente digna de respeito. Intimamente ligado às minhas origens.

Artistas plásticos, figurinistas, coreógrafos, departamentos culturais, profissionais, não me incomodem, por favor.

Sintetizo um mundo mágico.
Estou chegando...

Em 1976, eu mesma iniciava o primeiro Curso de Cultura Negra no Brasil, na Escola de Artes Visuais (no Parque Lage), justamente no momento em que, graças à sua nova e jovem direção, aquela instituição se renovava. Reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava numa visão crítica da realidade brasileira, a EAV tornou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro naquele período (tanto que sua desativação foi determinada a partir de Brasília no início de 1979, com o afastamento de sua direção).

Além do curso teórico (que em seguida se articulou com outros dois: um, de danças afro-brasileiras e, outro, de capoeira), que visava analisar as instituições e os valores culturais negros, assim como sua presença na formação cultural brasileira, o espaço da Escola também foi aberto para a expressão viva de artistas e intelectuais negros. Durante três anos (76, 77, 78), no mês de novembro, realizamos exposições de artistas plásticos, apresentações de grupos de dança e de poesia, exibição de filmes, seminários, lançamentos de livros, espetáculos de mú-

sica etc. O mais significativo de tudo isso foi o espírito de solidariedade e colaboração não só dos amigos e colegas de EAV (que, juntamente com seus alunos, ajudaram na realização dos eventos) mas dos irmãos e companheiros do Olorum Baba Min, do IPCN, do CEBA, da SINBA, da Zona Norte, da Zona Sul, dos subúrbios, das favelas e até mesmo da África (o cineasta nigeriano Olá Balogum e o cantor angolano Sá Moraes). Em 78, um dos eventos do que então chamávamos Ciclo do Negro-Homenagem a Zumbi, foi um espetáculo de música e poesia para o qual convidamos numerosos cantores, músicos e atores negros. Interessante notar que, dos atores e atrizes convidados para participar, apenas dois atores compareceram e deram sua colaboração; os demais, ficaram com medo da "repressão" e nos acusaram de radicais. Exatamente porque, a essas alturas, eram os membros do MNU/RJ que estavam à frente da organização dos eventos. De qualquer forma, o espetáculo foi um sucesso, dada a qualidade dos textos e das músicas. Reportamo-nos a esse fato justamente porque nos parece importante uma reflexão sobre um certo tipo de negro que a gente, hoje, chama de jaboticaba (preta por fora, branca por dentro, doce... mas com caroço que não dá pra engolir). Falaremos do jaboticaba mais adiante.

Foi também em 1976 que se iniciaram os contatos entre o Rio e São Paulo, em termos de movimento negro. A turma de São Paulo tomou conhecimento do que se passava por aqui, através do Boletim do IPCN, e, então, pintou por aqui pra levar um papo. Este foi o primeiro encontro de uma série que se realizaria em São Paulo, Rio Claro, São

Carlos etc. As discussões se dariam em torno de uma questão fundamental: a criação de um movimento negro de caráter nacional. E foi assim que começaram a ser lançadas as bases do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, o MNU. Sua criação efetiva, que se daria em junho de 78 em São Paulo, como veremos em seguida, resultou de todo um trabalho dos setores mais consequentes das entidades cariocas e paulistas, empenhados numa luta política comum. Vale dizer que a fundação do MNU não contou com a participação de nenhuma grande personalidade, mas resultou do esforço de uma negrada anônima, dessas novas lideranças forjadas sob o regime ditatorial militar.

O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU)

Vejamos, através de seu primeiro documento, como se deu a criação do então denominado Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial. Trata-se da carta convocatória para o ato público contra o racismo:

Nós, Entidades Negras, reunidas no Centro de Cultura e Arte Negra no dia 18 de junho, resolvemos criar um Movimento no sentido de defender a Comunidade Afro-Brasileira contra a secular exploração racial e desrespeito humano a que a Comunidade é submetida.

Não podemos mais calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da Comunidade Afro-Brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano.

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos homens negros sejam respeitados. Como primeira atividade, este Movimento realizará um Ato Público contra o Racismo, no dia 7 de julho às 18,30 horas, no Viaduto do Chá. Seu objetivo será protestar contra os últimos acontecimentos discriminatórios contra negros, amplamente divulgados pela Imprensa.

No dia 28 de abril, numa delegacia de Guaiarnazes, mais um negro foi morto por causa das torturas policiais. Este negro era Robson Silveira da Luz, trabalhador, casado e pai de filhos. No Clube